



A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa 2

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| A474 | A senda nos estudos da língua portuguesa 2 [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-493-1 DOI 10.22533/at.ed.931192407 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este segundo volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o lugar e o papel da linguagem oral nas relações de ensino-aprendizagem da língua, tomando como pontos de investigação as proposições didáticas em materiais selecionados pelo Plano Nacional do Livro Didático e a exploração e a sistematização da proficiência das habilidades relacionadas à linguagem oral, assim como fazem com a leitura e a escrita; os resultados da experiência de planejamentos e materiais visando a atender questões práticas do ensino da Língua Inglesa na Educação Básica, protagonizada pelo subprojeto PIBID Letras/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campos Belos; os problemas concernentes à elaboração e codificação da norma padrão no Brasil, tendo em vista seu papel na consolidação da variedade nacional brasileira e, por conseguinte, no fortalecimento do discurso acerca do pluricentrismo do português; a futuridade no português brasileiro verificado na oralidade e a sua ocorrência em outra face da língua: a escrita; a literatura brasileira diaspórica e os hibridismos culturais e linguísticos.

Ainda no campo das trocas entre a Língua Portuguesa e a Literatura, são disponibilizados mais dois capítulos: um sobre a hibridização dos gêneros impulsionada pela modernidade, que propiciou aos autores uma nova estética dentro na criação literária, tendo como corpus de análise crônicas de Fabrício Carpinejar; e outro sobre o ensino da literatura à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. Voltando ao campo da Língua Portuguesa, o capítulo seguinte trata do ensino de Português – Língua Estrangeira (PLE), na República Popular da China (RPC), e a abertura para o ensino do Espanhol no referido país. Os temas dos capítulos que vêm na sequência são: a maneira como o livro didático aborda questões relacionadas ao gênero textual/discursivo e como orienta os docentes à prática do ensino fundamentado neles, uma vez que tal compreensão é importante para a

avaliação de como as teorias de gênero vêm sendo transpostas didaticamente para a realidade escolar do Ensino Fundamental; a fala e a escrita, a partir da análise de duas situações discursivas produzidas por um sujeito político, quais sejam: um texto escrito, lido no Plenário do Senado Federal, em dezembro de 2012, por um Senador da República, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e um texto oral, mais precisamente uma entrevista radiofônica concedida pelo sujeito, em agosto de 2013, a uma estação de rádio de uma cidade do interior de Pernambuco; a avaliação do livro didático *Terra Brasil*, utilizado como instrumento de transmissão da língua e cultura brasileira inserido no curso e estratégia metodológica do Centro de Cultura Brasileiro em Telavive, enquanto material didático e instrumento adotado como “ponte” para a formação de um imaginário coletivo condutor à realidade brasileira em termos culturais e linguísticos, relevante no contexto sociolinguístico particularmente heterogêneo de um país de imigração recente como Israel.

À continuação, surgem como temas dos capítulos: uma reflexão no contexto da genealogia da ética de Michel Foucault a respeito de práticas do sujeito em relação a si mesmo, em termos de cuidados e estetizações do próprio corpo e da subjetividade; a escrita colaborativa *on-line*, intermediada pelo docente, e sua contribuição para a melhoria do processo de produção textual dos discentes, a partir de reflexões teóricas e de uma metodologia que propôs a produção textual do gênero crônica valendo-se do *Google Docs*, com uma turma de 1ª série do Curso Técnico de Agroindústria Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Norte de Minas de Gerais (IFNMG), *campus* Salinas; o discurso construído em um texto acerca da educação corporativa, entendida como pertencente ao pilar da Responsabilidade Social, que focou a situação enunciativa explicitada em uma produção textual veiculada no Relatório de Sustentabilidade 2014 de uma multinacional de capital aberto, a Marcopolo, a partir de três análises: a dos dados linguísticos, a dos argumentos e a das estratégias de comunicação empreendidas no texto selecionado para o estudo.

Os últimos capítulos da coletânea tratam: da educação bilíngue para surdos (a oportunidade de aprender a língua de sinais), bem como a compreensão dessa língua espaço-visual e o papel que ela exerce dentro da escola para o aluno surdo e nas relações entre professor-aluno, no momento das atividades pedagógicas; da elaboração de estratégias para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros, como interação e cultura, no contexto nacional e local, considerando as perspectivas de aprendizagem dos alunos no Curso de Português para Estrangeiros, no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão; da realização linguístico-textual das operações da interpelação do outro e da referência ao outro (re)conhecidas como formas de tratamento, em função da noção de gêneros de texto, perspectivada pelo Interacionismo Sociodiscursivo; da importância do léxico na compreensão da linguagem matemática e a relação que, efetivamente, se estabelece entre a língua portuguesa e a linguagem matemática, uma vez que o não entendimento da primeira poder-se-á associar, de forma direta, ao desconhecimento do vocabulário utilizado

e à incompreensão da segunda; da didática da linguagem escrita dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tomando a alfabetização como processo discursivo e um processo de construção de sentidos – no qual se aprendem, pelo uso, as funções sociais da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muitos outros conteúdos de diferentes áreas do conhecimento mediatizados pela interação, interlocução e interdiscursividade; dos critérios de identificação e análise de unidades fraseotermológicas da energia solar fotovoltaica.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O LUGAR DA ORALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS RECOMENDADOS PELO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO | |
| Leandro Alves dos Santos Amélia Escotto do Amaral Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924071 | |
| CAPÍTULO 2 | 15 |
| GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÈSICA | |
| Beatriz Garcia da Silva Cristiane Rosa Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924072 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| O PROBLEMA DA NORMA <i>PADRÃO</i> NO BRASIL. UMA REFLEXÃO SOBRE PLURICENTRISMO, CONSTITUIÇÃO DE VARIEDADES NACIONAIS E CODIFICAÇÃO LINGUÍSTICA | |
| Virginia Sita Farias | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924073 | |
| CAPÍTULO 4 | 38 |
| O FUTURO PERIFRÁSTICO NA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA | |
| Jussara Maria Oliveira de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924074 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| A LITERATURA BRASILEIRA DIASPÓRICA E OS HIBRIDISMOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS | |
| Lucênia Oliveira de Alcântara Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924075 | |
| CAPÍTULO 6 | 59 |
| O CONFICIONAL NAS CRÔNICAS DE FABRÍCIO CARPINEJAR, UM ESCRITOR HÍBRIDO: SEU ITINERÁRIO DA PROSA À POESIA | |
| Carlos Henrique de Souza Larissa Cardoso Beltrão | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924076 | |
| CAPÍTULO 7 | 71 |
| TRANSDISCIPLINARIDADE, ENSINO E LITERATURA: IMPLICAÇÕES ÀS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS | |
| Rosemar Eurico Coenga Fabiano Tadeu Grazioli | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924077 | |
| CAPÍTULO 8 | 83 |
| O APOIO INSTITUCIONAL NO ENSINO DE PLE – UM ESTUDO COMPARATIVO | |
| Luís Filipe Pestana | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924078 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 96 |
| CONCEPÇÕES DE GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA | |
| Ericson José de Souza | |
| Benedito Gomes Bezerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.9311924079 | |
| CAPÍTULO 10 | 108 |
| INTERFACE FALA-ESCRITA NO DISCURSO DE UM SUJEITO POLÍTICO | |
| Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho | |
| Daniela Paula de Lima Nunes Malta | |
| Mário Pereira Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240710 | |
| CAPÍTULO 11 | 116 |
| AVALIAÇÃO DO LIVRO TERRA BRASIL – CURSO DE LINGUA E CULTURA ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LINGUA ESTRANGEIRA | |
| Irith Gabriela Freudenheim-Levy | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240711 | |
| CAPÍTULO 12 | 127 |
| ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO DE SI | |
| Kleber Prado Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240712 | |
| CAPÍTULO 13 | 137 |
| A ESCRITA COLABORATIVA <i>ON-LINE</i> : REFLEXÃO SOBRE UMA PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL | |
| Ana Clara Gonçalves Alves de Meira | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240713 | |
| CAPÍTULO 14 | 145 |
| DISCURSO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA: ESTUDO DA SITUAÇÃO ENUNCIATIVA EM UM TEXTO DO RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2014 DA MARCOPOLO S.A | |
| Marta Cardoso de Andrade | |
| Manoel Joaquim Fernandes de Barros | |
| Hélder Uzêda Castro | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240714 | |
| CAPÍTULO 15 | 160 |
| ESCREVER EM L2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE UM ALUNO SURDO | |
| Claudia Regina Vieira | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240715 | |
| CAPÍTULO 16 | 172 |
| TEACHING-LEARNING OF PORTUGUESE LANGUAGE AS INTERACTION AND CULTURE | |
| Edimara Sales Cordeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.93119240716 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 17 | 182 |
| DO [e3mu] AO EXCELENTÍSSIMO LEARNING AND TEACHING TITLES OF CIVILITY Isabel Maria Matos Ramos DOI 10.22533/at.ed.93119240717 | |
| CAPÍTULO 18 | 196 |
| DA COMPREENSÃO DAS PALAVRAS À APREENSÃO DOS CONCEITOS: UM CONTRIBUTO DA LÍNGUA MATERNA À LITERACIA MATEMÁTICA Carla Isabel Abrantes Silva DOI 10.22533/at.ed.93119240718 | |
| CAPÍTULO 19 | 208 |
| APRENDER E ENSINAR A ESCREVER: LIMITES E POSSIBILIDADES Ana Lúcia Nunes da Cunha Vilela Bruna Fernandes dos Santos DOI 10.22533/at.ed.93119240719 | |
| CAPÍTULO 20 | 221 |
| AS UNIDADES FRASEOTERMINOLÓGICAS DA ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA: CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE Manoel Messias Alves da Silva Cristina Aparecida Camargo DOI 10.22533/at.ed.93119240720 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 233 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 234 |

CONCEPÇÕES DE GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ericson José de Souza

Universidade de Pernambuco
Nazaré da Mata – PE

Benedito Gomes Bezerra

Universidade de Pernambuco
Nazaré da Mata – PE

RESUMO: O ensino de língua requer do docente uma dinamicidade, atentando à complexidade do objeto. Teorias nos levam a compreender que os gêneros são os únicos capazes de permitir igual desempenho, uma vez que englobam, além dos aspectos linguísticos, os discursivos e contextuais. Por isso, os PCN orientam que o ensino de Língua Portuguesa tome como base. A presente pesquisa investigou de qual maneira o LD aborda essa temática e como orienta os docentes à prática do ensino fundamentado nos gêneros, levando-nos a compreender a concepção que os autores possuem deles. Tal compreensão é importante para a avaliação de como as teorias de gênero vêm sendo transpostas didaticamente para a realidade escolar do Ensino Fundamental. Adicionalmente, a pesquisa permite ponderações sobre os efeitos eventualmente positivos do processo de avaliação dos livros didáticos feito no âmbito do PNLD. Com este objetivo, aprofundamo-nos em diversas abordagens do tema realizadas

por Bakhtin (2003), Bazerman (2005), Bezerra (2017), Marcuschi (2008) e Miller (2009). Posteriormente, observamos as concepções e a forma como o gênero é utilizado por Cereja (2015) e Ramos (2012), em duas coleções aprovadas pelo PNLD 2017. Para a análise, definimos como foco as seções “Estudo do texto” e “Produção de texto”. A partir dos dados examinados, constatou-se que os autores relacionam o texto, o discurso e o contexto em uma aplicação pedagógica eficiente que cumpre com a finalidade do trabalho, considerando o gênero como uma “ação linguística” adaptada às “esferas de atividades humanas” integrando a “interculturalidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua. Concepções de gêneros. Livro didático.

TEXTUAL/DISCURSIVE GENRE NOTIONS IN PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOKS

ABSTRACT: The teaching of language requires a dynamicity by the teacher, paying attention to the complexity of the object. Theories lead us to understand that genres are the only ones capable of allowing such a performance, since they encompass, besides the linguistic aspects, the discursive and contextual ones. For this reason, the PCN advise that Portuguese language teaching take them as a base. The present research intended to investigate in

which way the textbooks address this theme and how it guides teachers to the practice of teaching based on the genre, leading us to understand the authors' conception of them. Such understanding is important for the evaluation of how genre theories have been transposed to the reality of elementary school. In addition, the research allows the consideration of the possible positive effects of the evaluation process of the textbooks made under the PCN. In this paper, we analyze the different approaches of Bakhtin (2003), Bazerman (2005), Bezerra (2017), Marcuschi (2008) and Miller (2009). Later, we observed the conceptions and the way the genre is used by Cereja (2015) and Ramos (2012), in two collections approved by NTP from 2017. For the analysis, we defined as focus the sections "Study of the text" and "Production of text". Based on the data examined, it was verified that the authors relate text, discourse and context in an efficient pedagogical application that fulfills the purpose of the work, considering genre as a "linguistic action" adapted to the "spheres of human activities "Integrating" interculturality ".

KEYWORDS: Language teaching. Conceptions of genders. Textbooks.

1 | INTRODUÇÃO

Os estudos dos gêneros não são recentes, mas a atualização das pesquisas faz-se necessária, principalmente se considerarmos as novas formas de comunicação que colaboraram com o surgimento de novas práticas sociais. O que poderia ser funcional há uns anos, hoje poderá não ser relevante ou ter assumido um novo significado. Este ponto de vista servirá, também, para compreendermos a necessidade da atualização no que diz respeito às práticas metodológicas do professor em sala de aula. Neste âmbito, o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP) torna-se um alvo, já que é utilizado pela maioria dos professores e compreendido como uma das principais ferramentas que facilita o ensino. Com base nesta perspectiva, analisamos 02 coleções de LDLP com o intuito de investigar como estão sendo transmitidas atualmente as teorias de gêneros para o LD, quais os métodos utilizados e quais os aspectos que são explorados, uma vez que, estes dados ocasionarão uma percepção do conceito de gênero assumido pelos autores das coleções.

Nossas análises foram feitas com base nos estudos de Bezerra (2017), que defende a exploração do gênero por completo, em suas dimensões textuais e discursivas; Bakhtin (2003), que desenvolveu teorias relativas aos discursos dos gêneros; Marcuschi (2011), o qual atenta para a dinamicidade do gênero, conceituando-os como "rotinas sociais"; Bazerman (2005), que considera além das características dos gêneros a relação das pessoas com eles em contextos diferentes, acreditando se tratar de "fatos sociais"; e Miller (2009), que destaca a tipificação do gênero, mas também considera o surgimento de novos gêneros a partir de novas necessidades.

No mais, buscamos fazer análises pautadas no que há de implícito e explícito

nos livros, com uma visão crítica dos dados, mas sem aplicar juízo de valor às obras, promovendo assim o diálogo com as teorias e a reflexão acerca do material didático utilizado em sala de aula.

2 | O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO OBJETO DE ANÁLISE

A intencionalidade em analisar o livro didático de língua portuguesa fundamenta-se na percepção do LD como principal ferramenta teórico-metodológica do professor em sala de aula. Decorrente das atualizações dos PCN's que orientam o ensino de língua com base nos gêneros, os autores dos LDLP buscam a adaptação dos conteúdos às novas exigências. No entanto, para os LD serem utilizados nas escolas, necessitam da aprovação do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), programa do governo federal que analisa criteriosamente os LD e distribui os que são considerados de boa qualidade. Esta seleção rigorosa é plausível, uma vez que, uma “ferramenta” de má qualidade poderá acarretar um negativo desenvolvimento da atividade. É nesta lógica que se origina essa pesquisa, com o objetivo de averiguar como estão sendo transpostas atualmente as teorias de gêneros em duas coleções de LDLP aprovadas em 2017 pelo PNLD.

Concernente à concepção de LD, Bunzen (2005) o considera como um “gênero secundário”, com base na teoria bakhtiniana. Esta noção defende a ideia de que o LD é constituído de vários gêneros, mas institui um discurso próprio, pois em seu processo de produção as escolhas do autor são carregadas de intenções e ideologias. Sem dúvidas é um julgamento considerável, no entanto, há outro olhar desempenhado por Marcuschi (2008) que conceitua o LD como um “suporte de gêneros” considerando que “o livro didático contém textos dos mais variados gêneros, tais como contos, poemas, tirinhas de jornal, notícias jornalísticas, adivinhas, atas, cartas pessoais etc., sem contar com gêneros como sumário, expediente da editora, ficha catalográfica, exercícios, bibliografia e outros” (p. 170). É importante ressaltar que nessa pesquisa contemplaremos esta concepção, pois o livro “didático” possui este adjetivo pela função didática atribuída aos gêneros, ao que Marcuschi denominou “reversibilidade de função”. O autor afirma que

O LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em duas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade, fato ao qual denominei reversibilidade de função. (MARCUSCHI, 2008, p. 179)

O nosso olhar para o LDLP está direcionado a tal “reversibilidade de função” conceituada, isso porque esse conceito de reverter função possibilitará aos professores o acesso à “dinamicidade” dos gêneros. Para um melhor esclarecimento, lembremos do gênero “crônica” que possui como função informar, narrar, descrever e até criticar acontecimentos sociais do cotidiano, mas no LD pode ser utilizado para explorar estilo, forma e composição do gênero, analisar os aspectos linguísticos,

práticas de leitura, interpretação e produção de textos. É esse tipo de reversibilidade que o LDLP fará com diversos gêneros, orientando o professor quanto ao ensino baseado neles.

Esse material didático (LDLP) tem sido analisado em outras pesquisas, como as selecionadas por Santos (2011), que reúne uma coleção de artigos os quais investigam temáticas aproximadas. Um estudo mais recente foi realizado por Marcuschi e Lêdo (2015) investigando o LD pela perspectiva das identidades de gênero social, além de Suassuna (2009), que expõe visões críticas a respeito do LDLP e indica análises que devem ser feitas pelo professor.

Considerando-se que o LDLP continua sendo utilizado em sala de aula, torna-se relevante a atualização e desenvolvimento de pesquisas nessa esfera, buscando compreender os métodos transpostos, analisá-los, criticá-los e até modificá-los se necessário.

3 | OS GÊNEROS (TEXTUAIS / DISCURSIVOS)

A linguagem é um instrumento primordial quando a temática envolve comunicação/interação entre as pessoas. O objetivo do professor de língua portuguesa em sala de aula é precisamente ampliar o conhecimento dos alunos a esse respeito e, para isto, apoia-se frequentemente no livro didático. Assim poderá restar a pergunta: o que tudo isto tem a ver com os gêneros?

Discursando a respeito da linguagem, Antunes (2009, p. 49) afirma que “usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros” e “essas coisas somente acontecem em textos”. Referente ao texto, Bezerra (2017, p. 37) reitera: “o texto, tal como construído em cada situação de interação, remete às convenções de um ou mais gêneros”. Sendo assim, entendemos que o gênero é um adaptador da linguagem aos diversos contextos que, sem dúvida, atendem aos objetivos anteriormente citados.

Análogos à língua são os gêneros, complexos em sua natureza. Eles materializam, adaptam e movimentam a língua de acordo com as diversas (os) situações/contextos. Bazerman (2005) os conceitua como “fatos sociais”. Este conceito embasa-se na concepção de língua como forma de ação, compreendida como um objeto para comunicar e agir. Dessa forma, todas as vezes que quisermos comunicar ou agir socialmente, recorreremos a um dado gênero. Se pensarmos na legitimação do poder de uma determinada pessoa, esse é um fato que pode ser concretizado a partir de um ofício ou outro gênero que possua esta função. Contudo, para que os atos realizem-se com eficiência, Bazerman (2005) afirma que as nossas palavras “devem ser ditas pela pessoa certa, na situação certa, com o conjunto certo de compreensões” (p. 26). E Marcuschi (2008) reitera: “a escolha de um ou outro gênero em nossa atividade discursiva não é uma escolha aleatória e sim

comandada por interesses específicos” (p. 160). Desta forma, compreende-se que cada gênero possui uma função específica que determinará o seu momento de uso. Este posicionamento nos conduz a refletir a respeito dos eventos nos quais estamos inseridos, como um jogo de futebol, um casamento, um congresso acadêmico, um julgamento etc. Nestes eventos circularão gêneros adaptados as ações linguísticas funcionais para as situações recorrentes, ao que Marcuschi (2008) denominou “domínio discursivo” e Bakhtin (2003) “esferas de atividades humanas”. Segundo o autor

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

A afirmação de Bakhtin diz respeito à análise ou compreensão do gênero como um todo e não como partes isoladas. À vista disso, o gênero “torna-se mais que uma entidade formal; ele se torna pragmático, completamente retórico, um ponto de ligação e efeito, um aspecto da ação social” (MILLER, 2009, p.24). De maneira complementar, Marcuschi (2011) defende a ideia de que não é significativo considerar o gênero apenas como “forma” ou “estrutura”, mas que o consideremos também como “flexível” e “variável”. Em outras palavras, é preciso focar no que há de dinâmico nos gêneros, visto que, é essa “dinamicidade” que os caracteriza como adaptadores da língua nas diversas situações comunicativas, nos contextos formais e informais. Porém, ser “dinâmico” não significa estar vulnerável à livre escrita, pois dependendo do gênero (contexto) a linguagem formal deverá ser utilizada, considerando que os gêneros determinam a escolha do léxico.

Por conseguinte, para um bom trabalho com a língua é necessário manter o olhar sobre duas perspectivas: social e linguística. Marcuschi reitera: “Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (2011, p.20). Esse conceito tem a ver com a funcionalidade e a produção de sentido instituída pelo gênero como parte de uma cultura. Fundamentados nessas perspectivas, apresentamos a seguir nossa análise das coleções de livros didáticos.

4 | O GÊNERO EM SEU ASPECTO INTERCULTURAL

Inicialmente, observamos de que forma são explorados os sentidos do texto em seu contexto. Temos afirmado que somente os gêneros permitem igual contextualização. Nas coleções os autores utilizam frequentemente a exploração contextualizada dos vocabulários empregados nos gêneros. No livro *Universos* (2012) destinado ao 6º ano do fundamental, há uma proposta de leitura de uma “lenda” nomeada “Bahira, o pajé que roubou o fogo”. Observemos a proposta posterior à

leitura:

2. Escreva com outras palavras o sentido das expressões destacadas a seguir.
- 💡 Volte ao texto e tente descobrir o significado das expressões pelo contexto.
- a) “[...] as mulheres **faziam das tripas coração** pra que não se estragasse a caça [...].”
 - b) “As índias [...] **choravam suas mazelas** junto a Bahira [...].”
 - c) “E que o dono do fogo não o **daria assim, de mão beijada** [...]!”
 - d) “Os Kawahiwas [...] já estavam nervosos, achando que a travessia **ia gorar**.”

Fonte: (RAMOS, 2012, p. 18, 6º ano)

O livro além de explorar em outras questões a respeito das palavras usadas pelos indígenas, nesse fragmento investiga os sentidos das expressões a partir do contexto em que estão inseridas. Propostas como essa levam os alunos a compreenderem que os gêneros são produzidos em situações reais. E mesmo quando se trata de uma “lenda” (ficcional), estão presentes no gênero: ideologias, culturas, sentimentos e outros elementos sociais pertencentes ao contexto de produção. Portanto, nesse caso, há um tratamento do gênero integrando a “interculturalidade”. Analisemos por essa mesma perspectiva uma proposta do livro de Cereja (2015), desta vez, o gênero “mito”.

1. Mitos são narrativas que expressam o modo como determinado povo vê o mundo e tenta explicar fatos e fenômenos cuja origem e funcionamento desconhece. Cada povo e cada cultura têm seus próprios mitos e tradições. De que cultura faz parte o mito de Asclépio?

Fonte: (CEREJA, 2015, p. 21, 7º ano)

Nesse fragmento é notória a compreensão de gênero como forma de expressão cultural, visto que para os autores o mito expõe uma visão de mundo inter-relacionada com a cultura, pois consideram que em outras culturas a “temática” poderá ser diferente. Esta compreensão de “gênero e cultura” favorece o bom funcionamento das práticas sociais, uma vez que nos faz refletir a respeito dos diversos eventos que um gênero pode circular e a diversificação de suas temáticas dependendo da cultura.

5 | EXPLORAÇÃO DA TIPOLOGIA PREDOMINANTE NO GÊNERO

A tipologia predominante do gênero também é explorada e trabalhada nas coleções. O exemplo abaixo foi proposto a partir da leitura da lenda “Bahira, o pajé que roubou o fogo”, citada anteriormente. Observe-se que além de explicar os elementos constituintes da tipologia narrativa, faz-se o aluno refletir, retornar ao texto e identificá-los. Em outras propostas são trabalhados o enredo, personagem, narrador, tempo e espaço, que são também típicos das “narrativas”.

13. Leia outro quadro para pensar sobre a organização dos acontecimentos da lenda.

| ENREDO DE UMA NARRATIVA TRADICIONAL | |
|-------------------------------------|---|
| Situação inicial de equilíbrio | Momento em que o leitor ou ouvinte se situa na narrativa, pois são apresentadas as personagens, o espaço e o tempo em que vivem. |
| Surgimento do conflito | Parte em que a narrativa toma forma, pois há o desenvolvimento de conflitos que provocam ações e reações das personagens. |
| Climax | Momento de maior tensão na narrativa, que, normalmente, prepara o leitor ou o ouvinte para a resolução do conflito e a finalização da história. |
| Desfecho | Resolução do conflito e revelação do destino das personagens. |

a) Identifique o trecho da lenda que corresponde à **situação inicial de equilíbrio**.
b) Que acontecimento desencadeia o surgimento do primeiro **conflito** na lenda?

Fonte: (RAMOS, 2012, p. 20, 6º ano)

Esse tipo de proposta torna-se relevante, tendo em vista que a exploração dos elementos típicos das tipologias nos gêneros levará o aluno a compreender que os gêneros diferem uns dos outros em diversos aspectos, sejam referentes à variante utilizada, estrutura, meio de circulação, público leitor, tipologia dominante etc. São conhecimentos que, sem dúvidas, auxiliarão no momento da produção. No livro de Cereja (2015) encontramos atividades com temática semelhante. Vejamos:

O texto de campanha comunitária geralmente emprega verbos no modo imperativo, como **participe**, **ajude**, etc. Releia este trecho do texto de campanha lido:

“Sintonize-se com o planeta e apague as luzes por 60 minutos, das 20h30 às 21h30.”

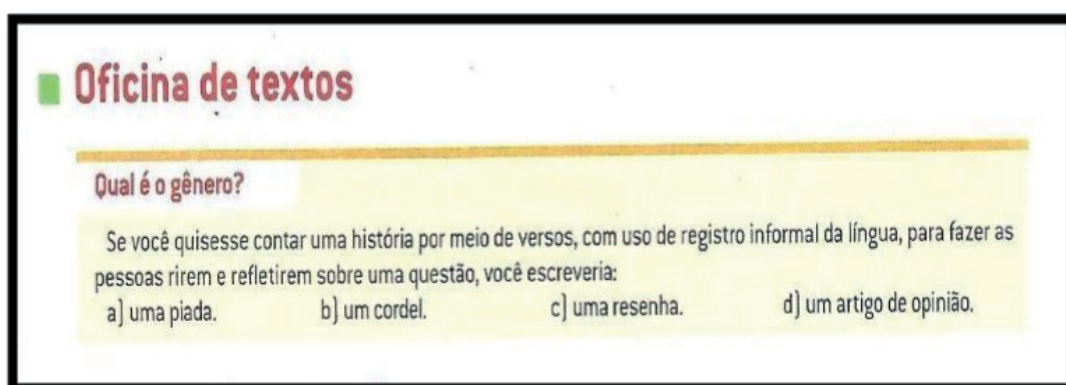
Fonte: (CEREJA, 2015, p. 145, 7º ano)

Nota-se que neste exemplo, assim como no anterior, a tipologia predominante

é investigada, desta vez o tipo “injuntivo”, típico das campanhas comunitárias entre outros gêneros. Esta abordagem torna pertinente a distinção entre gênero e tipologia textual, tema discutido por Marcuschi (2008) e Bezerra (2017). A discussão citada pretende esclarecer que o tipo textual não define o gênero, visto que um gênero pode conter mais de um tipo textual, fenômeno denominado “heterogeneidade tipológica”. Como bem afirmou Bezerra (2017, p. 44): “Não se trata de opor o tipo textual ao gênero, mas de relacionar os tipos de texto a aspectos da composição dos textos nos diferentes gêneros”. Por isso, utilizamos sempre o termo “tipologia predominante”, considerando que outros tipos podem estar presentes nos gêneros analisados.

6 | FORMA, ESTILO E FUNÇÃO DO GÊNERO

Temos adotado a concepção de Marcuschi (2011) que conceitua os gêneros como “rotinas sociais”. Eles organizam as nossas ações em todos os níveis. Todas as vezes que queremos nos comunicar ou realizar ações linguísticas recorremos a um gênero que possua uma função que cumpra com o nosso objetivo, por exemplo, se quisermos deixar um recado para alguém, dependendo do contexto e da situação, produziremos um bilhete, um e-mail etc. Se quisermos reclamar sobre os serviços de uma determinada instituição, certamente produziremos uma carta de reclamação. Observe-se que cada gênero possui uma função, uma forma (o gênero e-mail e carta de reclamação possuem formas diferentes) e também um estilo (o bilhete permite a utilização da linguagem informal, a carta de reclamação não permite). Esse conhecimento facilitará o estabelecimento da coerência em diversas situações e principalmente no momento da produção textual. Os livros didáticos que analisamos trabalham com esta noção. Vejamos um exemplo:



Oficina de textos

Qual é o gênero?

Se você quisesse contar uma história por meio de versos, com uso de registro informal da língua, para fazer as pessoas rirem e refletirem sobre uma questão, você escreveria:

a) uma piada. b) um cordel. c) uma resenha. d) um artigo de opinião.

Fonte:(RAMOS, 2012, p. 53, 6º ano)

Nesta proposta, nota-se que para o aluno responder corretamente a pergunta ele terá que conhecer todos os aspectos do gênero “cordel”: a forma (versos); o estilo (informal) e a função (fazer rir e refletir). Há outro exemplo do trabalho com os

aspectos constituintes do gênero. Observe:

As campanhas comunitárias são feitas com a finalidade de incentivar a população a participar de uma causa de interesse da comunidade, como o combate à dengue, a doação de sangue, a prevenção contra doenças, a vacinação, etc.

Fonte: (CEREJA, 2015, p. 145, 7º ano)

No fragmento, informa-se a respeito da função do gênero campanha comunitária e em outros momentos também se menciona a forma e o estilo, isto porque estes conceitos auxiliarão na produção textual, seção apresentada em cada unidade dos livros didáticos.

7 | GÊNERO E GRAMÁTICA

Para explorar os aspectos gramaticais a partir do gênero, os autores utilizam a estratégia de reconstruir os sentidos do texto a partir de inferências gramaticais realizadas pelos alunos. O assunto torna-se bastante polêmico quando falamos de gramática, mas observemos uma proposta interessante:

2. Observe as palavras destacadas neste trecho. Elas também foram usadas para se referir a um mesmo elemento, evitando uma repetição desnecessária.

"Daí que, saindo do ninho, cobriram o corpo de **Bahira**. O **pajé** estirou-se no chão [...]."

Indique, nas frases a seguir, as palavras que se referem a um mesmo elemento. Um trecho pode ter mais de um exemplo.

I. "[...] um morto perfeito. Urubu, o tal que era dono do fogo, lá do alto viu aquela carniça maravilhosa."
II. "Dizem que o Urubu não sai de casa sem carregar o fogo debaixo da asa. [...] Bahira abriu meio olho e viu o brilho do Tatá-miri no sovaço do bichão."

Fonte:(RAMOS, 2012, p. 21, 6º ano)

No exemplo acima, percebe-se que são trabalhados conhecimentos a respeito dos substantivos, hiperônimos, hipônimos e sinônimos. Esses elementos gramaticais são indispensáveis no momento da produção do gênero, principalmente os que

exigem a utilização da variante padrão da língua. Um primeiro olhar para a proposta poderá passar a impressão de que estamos diante de um trabalho com frases isoladas, mas se considerarmos que o aluno poderá fazer as substituições indicadas e voltar ao texto para verificar como ficaria o sentido ou a estrutura gramatical dele, poderemos considerar que estamos contextualizando a gramática, ou seja, levando o aluno a perceber os sentidos dos elementos gramaticais e o que eles podem fazer com o texto/discurso. É esse o método utilizado nas coleções, sempre ocasionando a construção de novos sentidos ou sentidos idênticos a partir dos elementos gramaticais. São trabalhados verbos, adjetivos, advérbios entre outros, com essa mesma metodologia.

8 | PRODUÇÃO DE GÊNERO

Analisar a questão do gênero é de uma complexidade enorme, mas, para facilitar e ao mesmo tempo ampliar a visão acerca dos gêneros, Bakhtin (2003) classifica-os como “primários e secundários”. Os primários são os mais simples, por exemplo, a carta pessoal e o diálogo. Já os secundários são os mais complexos, por exemplo, o romance e a crônica. Todavia, Bakhtin (2003) chama a atenção para o fato de que em seu processo de construção os gêneros secundários absorvem alguns gêneros primários para os constituir. Uma proposta com um gênero secundário poderá permitir trabalhar dois gêneros ao mesmo tempo, sem levar em consideração a questão do discurso específico, pois um gênero primário como constituinte de um secundário faz parte de um discurso geral. A figura abaixo é uma proposta de produção de um gênero secundário, observemos:

O texto a seguir é o início de uma crônica de humor de Luis Fernando Verissimo. Dê continuidade a ele.

Brincadeira


Começou como uma brincadeira. Telefonou para um conhecido e disse:

- Eu sei de tudo.

Depois de um silêncio, o outro disse:

- Como é que você soube?
- Não interessa. Sei de tudo.
- Me faz um favor. Não espalha.
- Vou pensar.
- Por amor de Deus.
- Está bem. Mas olhe lá, hein?

Descobriu que tinha poder sobre as pessoas.
[...]

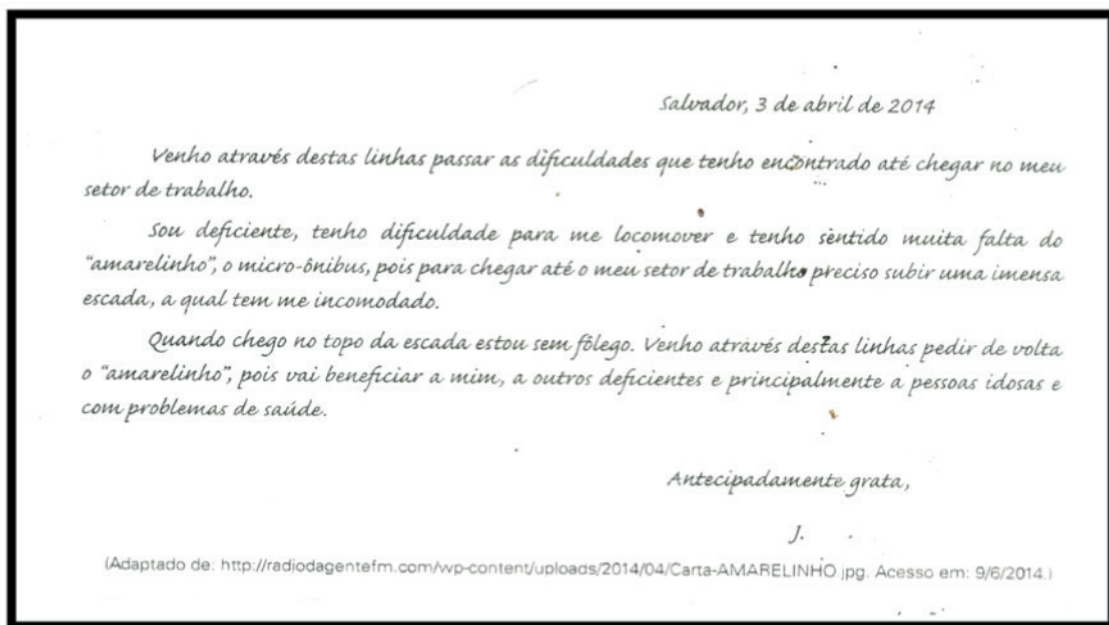


(Comédias da vida privada — Edição especial para escolas. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 74.)

Fonte: (CEREJA, 2015, p. 87, 7º ano)

Em análise, identificamos que o gênero proposto para a produção é uma crônica, contudo, há, interno a esse gênero, um telefonema. Não podemos deixar de

considerar que o telefonema nesse caso é ficcional, por isso não assume o discurso de um telefonema real, mas em termos de estrutura e estilo o gênero é trabalhado. Há nesse caso uma incrível dinamicidade, pois a proposta permitirá ao aluno moldar a história ao seu critério, diferente do que acontece com alguns gêneros primários, como por exemplo, a carta. Vejamos então uma carta que foi utilizada como exemplo para que os alunos produzissem uma semelhante:



Fonte: (CEREJA, 2015, p. 184, 7º ano)

Diferentemente da proposta da crônica, temos aqui um gênero de estrutura fixa e muito mais rígido com relação aos aspectos linguísticos, tendo em vista a obrigatoriedade da utilização do “conjunto de normas que regulam o uso da norma culta” como diz Antunes (2017, p. 30). A carta de reclamação não proporciona toda liberdade que a crônica, por outro lado, pode ser considerada mais funcional, no sentido de interligar o gênero com a realidade, pois as cartas produzidas na sala de aula podem ser escritas para uma situação real e serem realmente enviadas a alguma instituição. Um bom trabalho com a produção dos gêneros, sejam eles primários ou secundários, poderá tornar mais eficiente o ensino de língua portuguesa, pois, rígidos ou dinâmicos, os gêneros cumprem funções.

9 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou uma análise atual de como estão sendo transferidas para a sala de aula as teorias de gênero através do livro didático e conseqüentemente as concepções de gênero adotadas pelos autores das coleções. Observamos que as duas coleções analisadas dialogam com as teorias que defendem o trabalho dinâmico com os gêneros. De maneira competente e

criativa são explorados os aspectos: gênero na cultura; tipologias; forma; função; estilo e produção textual.

De acordo com as exigências dos PCN's e o atual pensamento do trabalho com os gêneros, podemos afirmar que as coleções analisadas, ainda que com alguns senões, conseguem cumprir com o objetivo do ensino de língua portuguesa, tendo em vista que diversificam e flexionam adequadamente suas abordagens, pois relacionam o texto, o discurso e o contexto em uma aplicação pedagógica eficiente que cumpre com a finalidade do trabalho, considerando o gênero como uma “ação linguística” adaptada às “esferas de atividades humanas” integrando a “interculturalidade”. Em suma, todos os objetivos da pesquisa foram alcançados, considerando que conseguimos dados atuais das teorias de gênero no livro didático e a concepção adotada pelas coleções.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 277-326.
- BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividade: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.
- BEZERRA, Benedito G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta) teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BUNZEN, Clécio. Construção de um objeto de investigação complexo: o livro didático de língua portuguesa. **Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 34, 2005, p. 557-562.
- CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens**, 6º. ao 9º. ano. 9. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.
- MARCUSCHI, Elizabeth; LEDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Representações de gênero social em livros didáticos de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.15, n.1, 2015, p.149-178.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- RAMOS, Rogério de Araújo. **Universos: língua portuguesa, 6º ao 9º anos**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alemão 52, 53, 54, 55

C

Carpinejar 6, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69

Complexidade 71

Concepções de gêneros 96

Crônica 59

D

Dicionário terminológico 221, 231

E

Educação bilíngue 160

Energias renováveis 221, 222, 232

Ensino 7, 9, 3, 6, 7, 15, 16, 19, 23, 24, 83, 87, 93, 94, 96, 137, 144, 165, 168, 183, 194, 206, 207, 208, 233

Escrita 11, 14, 108, 137, 142

Escrita Colaborativa 137

F

Fala 11, 108, 111

G

Gêneros textuais 15, 23, 107, 144, 181

H

Habilidades linguísticas 1

L

Letramento crítico 15, 23

Língua de Sinais 160, 162, 163, 166, 168, 169, 170, 171

Língua Inglesa 15, 53

Literatura 6, 9, 51, 52, 55, 59, 64, 69, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 81, 89, 194, 233

Livro didático 96

O

Oralidade 183

P

Perífrase 47, 48

Poesia 59, 70

Português 6, 7, 37, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 83, 87, 88, 90, 92, 94, 95, 107, 138, 166, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 222, 232, 233

Produção de texto 96, 160

Prosa poética 59

S

Sujeito Político 108

T

Transdisciplinaridade 71

U

Unidades fraseotermológicas 221

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-493-1

